

Antônio Luis Paixão, Intelectual e Amigo

*Alba Zaluar
Antonio Augusto Prates
Claudio Beato Filho
Ronaldo Noronha*

Hoje não vamos falar de violência, nem de criminalidade nem de polícia. Vamos falar da reciprocidade, da amizade, da interlocução que se deve mais ao prazer de instigar o pensamento do que ao duelo de floretes das vaidades acadêmicas. Vamos falar do Paixão, interlocutor e amigo de tantos nós.

Mas como dizer o que foi parte do nosso cotidiano tantos anos, que nem sabíamos direito como era? Como falar do que se fazia, se praticava, se aproveitava sem se dar conta da sua importância, do seu sentido, dos seus resultados? Não que esse exercício de dizer o que não precisava do dito seja o da violência simbólica, conceito que tanto Paixão quanto nós estamos longe de aceitar nos seus pressupostos e conseqüências teóricas, mas ele conduz a um estranhamento do que já nos parecia com o que um dado inabalável de nossas trocas intelectuais, uma conquista de nossas parcerias, um ponto de encontro certo nos nossos circuitos de braceletes-idéias e colares-argumentos. A súbita falta desse ponto, desse dado, desse fato, dessa conquista que era a pessoa do Paixão nos obriga a pensar sobre os significados e os sutis e singelos mecanismos da ação contínua de sua amizade sobre nós.

A sutileza, irmã da inteligência, mas não tão arrogante quanto ela, era aquele jeito inimitável de dizer coisas inesperadas, inovadoras, surpreendentes, juntando pedaços de evidências, contornando ou minando (nunca destruindo) meias, velhas, surradas verdades como quem conta um "causo" muitas vezes

engraçado, tecendo as mais elaboradas teorias sociológicas sobre o tema em questão como quem borda um simples pano, cuja utilidade só se enxerga muito depois. Sua capacidade de transformar em "vida cotidiana" as mais complexas e sofisticadas deduções sociológicas, fruto de um trabalho sistemático de reflexão e pesquisa, foi a marca registrada de sua trajetória intelectual que, por isso, tinha a originalidade como uma de suas principais características. A singeleza vinha desse talento para reunir as mais recentes teorias dos mais diversos cientistas sociais num esquema aparentemente simples, porque compreensível por todos, que fazia de Paixão o interlocutor privilegiado de todos aqueles que abordaram os mesmos temas e perguntas que o deixavam a devorar livros e varar dias e noites com seus solitários acompanhantes: o cigarro e o copo.

Não que ele fosse um neurótico do trabalho, a humilhar-nos com sua inalcançável capacidade de trabalhar duro. Muito pelo contrário. Participante convicto da cultura da boêmia, uma das mais notáveis e criativas surgidas entre nós, Paixão era imbatível nos papos de botequim, tão desprezados pelos sérios adeptos do pensamento burocratizado, confundido com o moderno e o produtivo. Suas risadas e suas tiradas ainda ecoam aqui, neste lugar, e dentro de nós. Certamente o clube da esbórnia, uma das mais fascinantes organizações da ANPOCS não será mais o mesmo. Está faltando um.

Por isto mesmo, tínhamos a impressão de que não havia descontinuidade entre as con-

versas descontraídas, na presença de variadas platéias, e as interpretações sociológicas de alta qualidade que estivesse produzindo. Ele, singelamente, passava de uma esfera a outra com a naturalidade de quem domina a linguagem e o assunto. A familiaridade com a teoria sociológica e a paixão pelas coisas banais do dia-a-dia acompanhavam-no não como dois mundos separados, mas como dimensões integradas da mesma realidade, feito do qual só pesquisadores privilegiados como ele foram capazes.

No início dos anos sessenta, ainda secundarista, Paixão foi comunista do Partidão, como muitos de nós. Depois, já na Universidade de Minas Gerais, desempenhou um papel central na criação e implementação de uma das experiências mais bem-sucedidas de curso de Ciências Sociais na época: o curso paralelo, criado e implementado pelos alunos e alguns dos melhores professores da UFMG, à revelia da burocracia universitária. Esse curso acabou sendo reconhecido, após um semestre de funcionamento, pela Congregação da FAFICH. No final da década de sessenta, já formado, Paixão participou ativamente tanto do “desbunde” da sua geração, quanto dos setores teóricos mais radicais da AP. No início dos anos setenta, deixou o Mestrado em Ciência Política na UFMG e foi fazer o Doutorado em Sociologia na University of New York at Stone Brook. A tese não chegou a ser defendida, mesmo depois de haver revalidado em 1983 todos os seus créditos no IUPERJ, onde deveria defendê-la em breve, pois estava com ela praticamente concluída uma semana antes de morrer.

Durante esse percurso acadêmico, Paixão nunca abandonou o estilo de vida pluralista e cosmopolita, que fazia dele centro de um grande círculo de amigos que incluía personagens e figuras — colegas, burocratas, secretárias, alunos, familiares, “nativos” de suas pesquisas, oficiais da PM de MG, frequentadores dos bares por onde andava etc. Com eles, conversava sobre suas pesquisas, as fofocas sociais e políticas, assim como suas últimas leituras sociológicas, sempre naquele

tom irônico e descontraído que marcava seus encontros. Do mesmo modo, Paixão tornou-se um elo entre pesquisadores de várias áreas do mundo acadêmico de várias regiões do país e até do mundo devido ao caráter cosmopolita e plural do seu trabalho e da sua própria personalidade.

Seus amigos sabem que ninguém estava livre de suas piadas. Se ela era boa, não havia amizade nem reverência intelectual que privasse o Paixão e seu público de uma grande risada à custa do alheio. Ninguém ficava tampouco ao largo de suas agudas críticas intelectuais. Só que não dava para ficar ofendido ou raivoso. Tudo era dito com tanta delicadeza e precisão ou com tanta graça que a crítica virava proveito. Amigos, amigos; resenhas, pareceres, avaliações e piadas à parte. Estranho que uma pessoa que valorizava tanto a amizade e a troca, fosse tão pouco corporativo e clientelista, segundo os velhos padrões brasileiros. Será que com suas atitudes Paixão não estava apontando, na sua forma sutil, a necessidade de rever as velhas, viciadas e surradas idéias sobre a amizade no Brasil?

Brasileiro, mineiro, alemão, torcedor do Atlético, cidadão do mundo, não necessariamente nessa ordem, dependendo muito das circunstâncias e situação, Paixão era daqueles descendentes dos europeus do Norte que se identificava com os estigmatizados pela preguiça, pela mistura de raças, pelo perene compromisso com a alegria e a diversão. Isto com a seriedade, a dedicação e a generosidade que sempre marcaram tudo que ele fez.

E como fez. Dizem as más línguas que se metia a estudar qualquer coisa. Dizem as boas línguas que era capaz de estudar os mais variados assuntos, descobrindo interesses inusitados na criação de gado, na história da Inquisição de Minas, nos processos judiciais, nos B.O.s, nas estatísticas policiais, no cotidiano de uma delegacia, nos menores de rua, nos programas da nossa malfadada e sem rumo política social. Não é para qualquer um.

Seu pensamento tem duas características marcantes: o pioneirismo, com sua força carismática que impressionava os que dele real-

mente se aproximavam, e sua sólida formação na sociologia das organizações. Em 1975, Paixão já falava de interacionismo simbólico, etnometodologia e de microssociologia num campo intelectual no qual a hegemonia da sociologia estrutural marxista era inquestionável. No início dos anos 80 já tratava das questões de cidadania, justiça e do Estado na dimensão microssocial da violência e da criminalidade nas prisões, quartéis e ruas, quando o paradigma era de tratá-las na dimensão macrossocial apenas. Isto exigia dele coragem intelectual, que exerceu sem bravatas. O outro fulcro que marcava a diversidade dos assuntos que abordou era a sua preocupação com o nível intermediário, nem micro nem macro, com as instituições e as organizações que são produtos da ação humana, mas que, no seu funcionamento, adquirem uma lógica em uso de suas representações rotineiras e de suas práticas cotidianas.

Difícil selecionar o que se destaca mais entre tudo que escreveu. Aliás para o grande e generoso conversador que era, sempre disposto a discutir pontos difíceis, pesquisas enroladas, teorias polêmicas com colegas e professores, alunos seus e alunos dos outros, Paixão muito escreveu. São notas de aulas, inúmeros artigos que, reunidos, comporiam mais de um livro, e a tese finalmente terminada, que ficaram a reclamar um paciente trabalho de edição dos seus mais próximos colaboradores na UFMG. Aguardaremos todos ansiosos, um modo de fazer com que ele não nos deixe assim tão de repente, sem nem avisar que estava indo, deixando aquela conversa pelo meio, aquela idéia trocada truncada, a pergunta no ar, a rede esgarçada, o circuito interrompido, o projeto desfeito. Tão generoso, nem deixou o hiato entre o que dava e o que recebia diminuir mais um pouco. Não deu tempo de retribuir. Fica para a próxima, para esse trabalho de um a exigir esforço de vários em tornar público o que foi largando em escritos esparsos.

Destacaríamos, naquilo que mais marcou vários de seus parceiros intelectuais, três abordagens e uma postura política sobre a violên-

cia e a criminalidade no Brasil, temas dos quais surgiram nossa amizade e parceria intelectual.

A primeira foi sua pesquisa baseada numa série histórica de estatísticas sobre a violência em Minas, um dos primeiros textos sociológicos sérios sobre um assunto considerado então como menor. Paixão foi, sem dúvida, o pioneiro não só do tema, como da abordagem, ainda na década de 70. Nela, pela primeira vez, ouvimos as dúvidas acerca da associação entre pobreza e criminalidade violenta, associação essa inteligentemente interpretada por ele como mais uma profecia autocumprida. Embora desse aos dados um tratamento estatístico sofisticado, não se tratava apenas de números, mas da necessidade de entender as políticas institucionais que davam origem a eles, ou seja, como os números são construídos pelas classes estatísticas utilizadas e pelos resultados de uma repressão policial concentrada em alguns setores da população pobre.

A segunda foi o seu estudo do cotidiano de uma delegacia de polícia que resultou num dos textos mais instigantes sobre esta instituição no Brasil: o profundo hiato entre as disposições escritas — a lei e as normas burocráticas — e a lógica em uso de seus agentes. Esse texto, muito usado e pouco citado, espalhou as técnicas da etnografia entre os sociólogos brasileiros que estudavam quase tudo apenas através dos números. E é uma das etnografias mais interessantes produzidas entre nós porque não apela para a “análise do discurso” de algumas entrevistas, o que se tornou um verdadeiro vício entre cientistas sociais brasileiros, fascinados pela teoria da representação, sem conhecê-la muito bem. Paixão, embora não fosse admirador de Bourdieu, conseguiu, nesse texto, articular a teoria dos significados com a teoria da ação, um dos maiores desafios da Sociologia na virada do século XXI.

A terceira foi sua inventiva abordagem do fluxo nos processos judiciais que ele iniciou pelos B.O.s e R.O.s, ou seja, os Boletins de Ocorrência da Polícia Militar e os Registros de Ocorrência da Polícia Civil. Hoje usado em

quase todos os estudos sobre o sistema de Justiça no Brasil, essa abordagem deve muito à contribuição de Paixão ao incorporar no fluxo os seus momentos iniciais, anteriores à fase do inquérito policial e do processo judicial, cujos ritualismos e lógicas perversas ficaram ainda mais claros.

Por fim, Paixão sempre procurou nos persuadir, com a sua convincente argumentação que reunia dados e teoria recém-saídas do forno, além de irresistíveis piadas sobre nossa posição de intelectuais não-orgânicos, da importância, do caráter imprescindível da Polícia numa sociedade democrática, com todos os paradoxos e desafios que essa presença traz. Membro do Conselho Político do PT de Belo Horizonte, fato desconhecido de muitos colegas porque ele nunca exibiu sua carteirinha de esquerda, ele não fazia concessões à

demagogia ou aos ícones do esquerdismo de plantão. Não fazia retórica indignada, mas dava aulas para os policiais mineiros, enquanto nos convencia de que tínhamos de vencer nossos medos, vergonhas e preconceitos e fazer o mesmo em nossos respectivos estados. Talvez pelo seu trabalho junto à Fundação João Pinheiro, o Estado de Minas Gerais possa exibir hoje, sem ser o mais rico da região, as mais baixas taxas de crimes violentos, especialmente de homicídios, no Sudeste do Brasil.

Bem, mais não diremos. Já nos expusemos demasiadamente ao risco de ouvir a sua risada inconfundível no lugar virtual ou na realidade imaginária onde se encontra, risada provocada pelo que aqui foi dito.

— “Mas, queridos colegas, um obituário na ANPOCS!”

É, Paixão merecia mais uma ode à vida.